

Ana Maria Ramalho Correia
Anabela Mesquita

Mestrados & Doutoramentos

Estratégias para a elaboração de trabalhos
científicos: o desafio da excelência



VidaEconómica

ÍNDICE GERAL

ABREVIATURAS E SIGLAS	vii
PREFÁCIO	ix
PARTE 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Cap. 1 Introdução	1
Cap. 2 Trabalhos de investigação académicos	3
Cap. 3 A proposta de investigação	23
PARTE 2 – PRODUÇÃO E ACESSO A RECURSOS DE INFORMAÇÃO PARA APOIO À INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA	
Cap. 4 Fontes e recursos de informação científica	52
Cap. 5 Acesso aberto / <i>Open Access</i> / Acesso livre	97
Cap. 6 A Internet como fonte e recurso de informação	113
Cap. 7 Pesquisa de informação na internet	129
Cap. 8 Estratégias e processo de pesquisa de informação	145
Cap. 9 Avaliação da qualidade de informação	161
Cap. 10 Bibliometria	175
Cap. 11 Utilização da <i>web</i> social para a colaboração em atividades de I&D e acesso a fontes e recursos de informação especializada	197
PARTE 3 – REVISÃO DA LITERATURA	
Cap. 12 Revisão da literatura	213
PARTE 4 – REFERENCIAÇÃO E CITAÇÃO BIBLIOGRÁFICA. PLÁGIO	
Cap. 13 Plágio	243
Cap. 14 Citações e referências bibliográficas	261
Cap. 15 Recomendações e sugestões para apresentação de trabalhos científicos	285
Cap. 16 Reflexão final	297
REFERÊNCIAS	299

PREFÁCIO

O livro *Mestrados e Doutoramentos – Estratégia para a Elaboração de Trabalhos Científicos: O Desafio da Excelência* da autoria das Doutoradas Ana Maria Ramalho Correia e Anabela Mesquita, resulta da sua intensa e profícua atividade científica e pedagógica no ensino universitário e politécnico e na orientação ou discussão de teses de mestrado e doutoramentos em diversas universidades e institutos politécnicos do nosso País.

As quatro partes em que o livro se encontra dividido – Trabalhos de Investigação Académicos, Fluxos de Informação Científica, Revisão da Literatura e Integridade Académica – são desenvolvidas de forma rigorosa e sugestiva com a finalidade de o leitor poder refletir sobre o valor de uma escrita científica de qualidade.

Este livro é, assim, um instrumento valioso para os que pretendem desenvolver “*capacidade para integrar conhecimentos*” e “*capacidade para conceber, projetar, adaptar e realizar atividades de investigação, cultivando padrões de qualidade e integridade académicas*”. Um instrumento da maior utilidade para os candidatos ao grau de mestre e ao grau de doutor atingirem patamares elevados de criatividade e empreendedorismo.

Na verdade, a expansão e o fortalecimento de “comunidades inteligentes” – em que as universidades e as instituições politécnicas emergem como parceiras decisivas para a criação e transformação do conhecimento em bens científicos e culturais – só pode ter sucesso se obedecer ao culto de valores que a credibilidade e a criatividade da sociedade do conhecimento impõem e que Italo Calvino em conferências nos Estados Unidos da América expressou com rara lucidez e oportunidade. São as “Seis Propostas para o Próximo Milénio”, proferidas em 1990, na Universidade de Harvard.

As autoras chamam naturalmente a atenção do leitor para as regras e procedimentos a observar ao longo da conceção e realização de um trabalho científico e analisam em pormenor a apresentação e caracterização de fontes e recursos de informação, com relevância para motores e estratégias de pesquisa desenvolvidas em sintonia com os comportamentos na utilização da informação para as atividades de I&D. E concluem que, como na maioria das atividades humanas, designadamente científicas e culturais, o “*olhar crítico e perscrutador*” de qualquer ator é decisivo para a originalidade, a qualidade e a excelência dos resultados.

A oportunidade deste livro para a sociedade portuguesa, e em particular para a comunidade académica, resulta ainda de estarmos perante duas realidades complementares e heterogéneas: por um lado, mercê de um progresso notável da comunidade académica portuguesa, Portugal ter atingido nas últimas quatro décadas uma produção científica com reconhecimento internacional (o seu valor já é 80% da média europeia) e, por outro lado, o facto de Portugal estar colocado perante um desafio que tem obrigatoriamente de vencer nas próximas duas décadas, o qual em última análise consiste em *associar a criação do conhecimento à criação de valor*, ou seja, gerar patentes, transferências de tecnologia em tempo útil, criar empresas e dinamizar mercados... Um desafio que em linguagem económica significa quase duplicar o grau de orientação exportadora do País, que atualmente atinge apenas 35,5% do PIB, para igualar a média do grau de orientação exportadora dos países europeus da nossa dimensão.

Para melhor compreendermos esta situação, refira-se que a evolução desde 1970 dos números de publicações científicas, de mestrados (antigas licenciaturas) e de doutoramentos e do progresso na convergência de publicações ISI com a União Europeia a vinte sete são verdadeiramente notáveis,

enquanto a transformação deste manancial de conhecimento em bens económicos e culturais necessita de impulsos que só “*olhares críticos e perscrutadores*” da literatura científica, cultural e económica podem desencadear, corporizando uma cadeia de valor que integre a Ciência, a Inovação e o Desenvolvimento.

Daí a importância referida pelas autoras sobre a partilha de informação e sobre novas ferramentas de colaboração e envolvimento, não só na condução dos trabalhos de investigação mas também numa escrita de qualidade precursora de uma visão conducente à “*inovação aberta*”. Afinal, o sucesso de um trabalho científico mede-se, hoje, não só pelo progresso que trouxe para a evolução do conhecimento de *per si* mas também pela contribuição para “*novos conceitos de saber e produzir*”¹, quebrada que está na sociedade do conhecimento a “*sucessão sequencial de primeiro saber, segundo avaliar e terceiro aplicar, para se passar para atos simultâneos em que só sabe quem faz e só faz quem sabe*”.

Em síntese, da leitura deste livro emerge uma ideia-mestra: a coexistência na sociedade de conhecimento de dois conceitos presentes nos fluxos de informação, ou, melhor dizendo, em contextos informacionais em permanente evolução: a *mensurabilidade* e a *temporalidade*. Ora, o espírito crítico e criativo que alimenta esta simbiose perpassa nos quinze capítulos deste excelente manual.

Por tudo isto pode mesmo afirmar-se que uma mensagem expressiva que resulta da sua leitura é a de que uma tese de doutoramento de qualidade deve respirar os valores de Italo Calvino, ou seja, a *leveza* que associa o sonho do presente com o voo do futuro; a *rapidez*, que faz apelo à agilidade de raciocínio e à economia dos argumentos; a *exatidão*, que exige uma cultura científica de rigor e transparência; a *visibilidade*, para a qual concorre a observação do mundo real e a verbalização correta do pensamento; a *multiplicidade*, que revela como a atividade científica desenvolvida faz parte de um catálogo mais amplo da unidade teleológica do saber, e a *consistência*, que se orgulha do sucesso, procura a verdade, reconhece o erro e repudia o plágio.

Por tudo isto, este manual é, para os mestrados e doutoramentos, um quadro de referência.

José Veiga Simão

Professor Catedrático Jubilado

11 de dezembro de 2012

1. Carta Magna da Educação e Formação ao Longo da Vida; Veiga Simão, Almeida e Costa, Lídio Jorge, Helena Melo e outros; Centro de Informação Científica e Técnica, Ministério do Trabalho e da Solidariedade, 1998.

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

Este livro resulta do trabalho das autoras na lecionação de diversas unidades curriculares ao longo dos últimos anos, em particular ao nível de mestrados e doutoramentos, bem como da participação em júris para discussão de dissertações ou teses em cada um destes níveis académicos. Do trabalho, as autoras foram-se apercebendo de diversas dificuldades dos alunos relacionadas com a procura e seleção de informação de qualidade relevante, adequada a trabalhos científicos e académicos, bem como a forma de a mesma, uma vez obtida, ser gerida, estruturada e apresentada. São dificuldades que se manifestam ano após ano, pelo que se chegou à conclusão que um livro que tratasse destes assuntos, abordando com a profundidade apropriada toda a cadeia de gestão de informação e conhecimento envolvidos na produção daqueles trabalhos académicos, bem como de trabalhos para publicação em periódicos ou livros científicos ou para apresentação em conferências, seria útil e importante, porque inovador no panorama da literatura publicada em língua portuguesa, para apoio à atividade académica e de investigação.

O presente livro aborda, entre outros aspetos, competências cada vez mais cruciais na sociedade da informação e do conhecimento, as quais são reconhecidas pela designação genérica de Literacia em Informação. Embora existam diferentes contextualizações sobre este conceito (e.g. Hepworth and Walton, 2009), a que prevalece como fio condutor do presente livro é a de que esta se refere

a um conjunto complexo de capacidades, que permitem aos indivíduos envolverem-se de forma crítica e darem sentido ao que os rodeia integrando a interpretação que fazem do mesmo nos seus conhecimentos, permitindo, assim, participar de forma ativa em novas aprendizagens, atividades profissionais ou lúdicas e, por esta via, utilizarem e contribuir para o contexto informacional em permanente evolução, nas sociedades contemporâneas.

Este manual procura dar a conhecer as etapas do fluxo de comunicação científica, explicando a lógica subjacente a cada uma daquelas, permitindo, desta forma, que o leitor possa tomar as decisões adequadas em termos de identificação, localização, recuperação e acesso à informação científica mais relevantes para atividades de I&D, que se encontre a desenvolver e assim preparar uma revisão de literatura de qualidade, como se detalha na presente obra.

O livro, ora apresentado, encontra-se dividido em quatro grandes partes. Na primeira apresentam-se os trabalhos de investigação académicos, bem como as propostas de investigação. Existem vários tipos de trabalhos de investigação, cada um com a sua designação, que corresponde à sua importância ou grau de dificuldade. Mas de que trabalhos se trata? O que os distingue? Que partes os compõem? Para além disso, em diversas ocasiões, é necessário, ainda, preparar propostas de investigação. O que devem conter? Qual o seu grau de complexidade e de profundidade? Estas são algumas das perguntas a que se dão resposta nos capítulos 2 e 3.

Na segunda parte, dá-se a conhecer o fluxo da informação científica, abordando aspetos relacionados com a respetiva produção, os diversos formatos em que se apresenta e refere a forma como as tecnologias de publicação eletrónica, bem como o recurso à *web*, alteram o modo como os utilizadores acedem a fontes e recursos de informação, essenciais às atividades académicas e de investigação científica. Neste âmbito, caracterizam-se as fontes e os recursos de informação em diversos formatos, de várias naturezas (capítulo 4) e no capítulo 5 discute-se o acesso aberto a trabalhos científicos e académicos, bem como as vias – verde ou dourada – pelas quais, atualmente, se alcança esse desiderato; os repositórios de acesso livre – os institucionais e os especializados – são, igualmente, apresentados. Num livro desta natureza ressalta-se, também, no capítulo 6, a internet enquanto fonte de informação. Abordam-se, no

capítulo 7, as principais ferramentas para pesquisa de informação na *web*, designadamente, diretórios na internet e motores de pesquisa; neste âmbito, introduz-se o funcionamento de metamotores de pesquisa e compara-se com as ferramentas anteriormente referidas. Cientes da importância de dominar os diferentes tipos de estratégia de pesquisa, tanto em bases de dados especializadas e portais para pesquisas federadas, como em motores de pesquisa, foca-se, no capítulo 8, o desenho de estratégias de pesquisa de informação com vista à sua utilização em atividades de I&D. É claro que a informação só tem valor se for de qualidade adequada para a natureza do trabalho que se tem entre mãos – académico-científico, profissional, ou até para atividades lúdicas. Assim, no capítulo 9 discute-se a avaliação de qualidade de informação, apresentando os critérios a serem considerados tanto quanto se recorre a fontes de informação impressas ou noutra formato “tradicional”, como para fontes de informação recuperadas a partir da *web*. Tendo em conta a crescente importância da avaliação da qualidade de informação contida em artigos científicos, pela medição do respetivo impacto num determinado domínio científico e, ainda, pela importância da criação de *rankings* de unidades de I&D ou de IES, no capítulo 10 refere-se a avaliação da qualidade da informação contida num dado artigo pelo número de citações que esse trabalho recebeu durante um período de tempo, i.e., introduz-se a bibliometria e algumas das métricas mais utilizadas. O advento da *web 2.0* provocou (e continuará a provocar) algumas alterações na forma como se faz investigação. Assim, no capítulo 11 discute-se a utilização da *web 2.0* para a colaboração em atividades de I&D e acesso a fontes e recursos de informação especializada.

O capítulo 12 é dedicado à revisão da literatura, fase pela qual todos os trabalhos de investigação, incluindo as propostas de investigação, têm de passar. Em que consiste a revisão da literatura? Como se realiza? Como se apresentam os resultados? Estas são algumas das questões a que se dá resposta neste capítulo.

Na quarta parte desta obra discutem-se aspetos relacionados com o plágio, de forma a alertar os leitores para a gravidade desta prática classificada como desonestidade académica, com vista a garantir que todos os trabalhos académicos e científicos estejam de acordo com as regras éticas e morais da academia (capítulo 13). É claro que não se poderia deixar de apresentar algumas normas de referência e citação (capítulo 14), bem como dar algumas sugestões para a escrita científica de qualidade (capítulo 15). Finalmente, no capítulo 16, tecem-se algumas considerações finais.

A obra é inovadora no panorama bibliográfico nacional, já que, depois de introduzir com detalhe os trabalhos de investigação e proposta de investigação, se deambula por entre vários temas essenciais à consolidação das competências em literacia em informação ou literacia informacional, fazendo com o leitor um percurso que culminará na elaboração do capítulo de revisão da literatura para o qual as competências em literacia em informação ou literacia informacional são competências essenciais e absolutamente transversais.

O presente livro foi concebido como um manual de referência, para todos os que se encontram a preparar e publicar trabalhos de investigação, tomando como foco o capítulo da revisão da literatura. Cada capítulo pode ser lido de forma autónoma para esclarecimento de dúvidas nas temáticas abordadas. Paralelamente o livro pode servir de apoio – nos aspetos abordados na unidade curricular “Metodologia de Investigação” dos programas de pós-graduação.

Em jeito de conclusão resta-nos desejar a todos boas leituras e esperar que esta obra seja tão útil ao leitor quanto agradável e desafiadora foi escrevê-la pelas autoras. Tendo em conta o tema que aborda, o seu conteúdo estará em evolução constante, pelo que gostaríamos que os nossos leitores nos enviassem – ao cuidado da Editora Vida Económica – sugestões, críticas e propostas com vista a futuras atualizações da mesma.

CAPÍTULO 2 – TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO ACADÉMICOS

2.1	Objetivos de aprendizagem.....	4
2.2	Contextualização de trabalhos académicos.....	4
2.3	Tipologia de trabalhos académicos	6
2.3.1	Tese de doutoramento ou dissertação de mestrado e relatório de projeto ou de estágio de natureza profissional no âmbito de ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre.....	6
2.3.2	Monografia	7
2.3.3	Trabalho curricular.....	7
2.3.4	Relatório de estágio / relatório técnico-científico.....	7
2.4	Estrutura e organização de trabalhos académicos	8
2.4.1	Tese de doutoramento, dissertação ou relatório de projeto de investigação (no âmbito do ciclo de estudos de mestrado) ou monografia	9
2.4.1.1	Parte pré-textual ou preliminar do trabalho.....	9
2.4.1.2	Parte textual ou corpo do trabalho	11
2.4.1.3	Parte pós-textual	16
2.4.2	Trabalho curricular.....	20
2.5	Considerações finais	20
2.6	Questões para revisão	21

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	– Estrutura genérica de qualquer trabalho académico	9
Figura 2	– Alternativa de estrutura de trabalho académico elaborado (I)	18
Figura 3	– Alternativa de estrutura de trabalho académico elaborado (II)	19

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	– Estrutura de tese, dissertação ou de relatório de projeto de mestrado	12
----------	---	----

CAPÍTULO 2 – TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO ACADÉMICOS

2.1 OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Uma das principais preocupações dos estudantes é saber como se elabora um trabalho de investigação, seja este para responder a requisitos formais para obtenção de grau (licenciatura, mestrado ou doutoramento) seja como parte da avaliação em unidade curricular. Igualmente, a elaboração de trabalhos científicos, artigos em periódicos científicos, comunicações em conferências, *working papers*, obedecem a determinados requisitos que todos, os que se encontram empenhados na elaboração dos mesmos, deverão conhecer. Para tal, é preciso ser capaz de identificar e distinguir as várias tipologias de trabalhos académicos e científicos, conhecer as respetivas estruturas e, deste modo, tomar decisões sobre a utilização da que melhor se adequa a cada situação.

Assim, os objetivos de aprendizagem prosseguidos neste capítulo contribuirão para que, na sua conclusão, o leitor seja capaz de:

- ✓ Identificar os vários tipos de trabalhos científicos e académicos;
- ✓ Conhecer a estrutura do trabalho académico ou científico que se propõe realizar.

É, neste contexto que, no final deste capítulo, o leitor estará em condições de responder a questões como:

- ✓ Quais os tipos e respetivas características de trabalhos académicos e científicos que se podem produzir como “relatos” de um dado trabalho de investigação?
- ✓ Qual a estrutura de cada um dos tipos de trabalho académico e científico?
- ✓ O que deve constar de cada um dos capítulos (subcapítulos, secções e subsecções) de um dado trabalho académico ou científico?

Palavras-chave:

Trabalhos académicos; trabalhos científicos; tipologia; estrutura; organização; tese; dissertação; relatório de projeto; monografia.

2.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÉMICOS

Embora este capítulo privilegie os trabalhos que os estudantes terão que elaborar para a obtenção do grau de Mestre ou de Doutor, apresenta-se uma panorâmica da tipologia de trabalhos académicos, já que muitos dos ensinamentos transmitidos – com as apropriadas adaptações – se revelam da maior pertinência para a preparação de qualquer um destes trabalhos.

A elaboração de trabalhos académicos – trabalho curricular, monografia (trabalho ou relatório de fim de licenciatura), dissertação, relatório de projeto ou de estágio de natureza profissional, além de tese – constitui uma componente fundamental de qualquer programa de estudos que vise a obtenção de um diploma ou grau académico (licenciatura, mestrado ou doutoramento). Neles, o estudante trata um tema com relevância para a disciplina em que o trabalho se insere ou “um problema respeitante à área de estudos em que [se] pretende obter um diploma ou o grau” (Eco, 2007).

Deste modo, a aquisição de aptidões necessárias à realização de trabalhos académicos – inclusive as essenciais para a concretização das pesquisas bibliográficas, a indispensável seleção, análise e a avaliação de recursos de informação relevantes a considerar para fundamentar o trabalho a realizar – é essencial tendo em conta que o ensino superior, tal como preconizado no Processo de Bolonha, torna ultrapassadas as metodologias de ensino e aprendizagem que se baseiam na assimilação passiva e acrítica das matérias propostas pelos docentes, focando-se em aprendizagens centradas no estudante, onde este deixa de ser mero recipiente de informação e se assume como ator e agente no seu processo de aprendizagem. Neste contexto, o estudante é continuamente interpelado a questionar e a avaliar criticamente “dados” e “informações” que for recolhendo e/ou recebendo. Só através do desenvolvimento de atitudes pró-ativas e capacidades para a pesquisa e construção de novos saberes será possível, também, incutir nos “estudantes de hoje” as competências essenciais às “aprendizagens ao longo da vida” – desafio indissociável da Sociedade de Informação e da Economia do Conhecimento (Azevedo & Azevedo, 1994; European Council, 2008).

(Hart, 2001) sistematiza os resultados das aprendizagens (*learning outcomes*) decorrentes da elaboração de trabalhos académicos do seguinte modo:

- ✓ **Capacidade para utilizar as ferramentas nucleares para pesquisa de informação** – para pesquisar em bibliotecas, em serviços de indexação e de resumos, em sistemas de bases de dados especializadas, em repositórios de acesso livre (cf. Cap. 5) e na Internet em geral, os recursos de informação relevantes, para o projeto a realizar, bem como para a elaboração dos relatos a produzir com base no mesmo; entender os mecanismos de avaliação da qualidade da investigação científica (incluindo número de citações, de revisões), etc...;
- ✓ **Capacidade de desenho e formulação de estratégias de investigação** – formular questões de investigação e traduzir, as mesmas, com base na evidência existente, em propostas de investigação exequíveis, identificar trabalho relacionado com vista a racionalizar e focar o tópico, calendarizar o trabalho, etc...;
- ✓ **Capacidades de escrita e de apresentação – planejar, redigir, preparar e submeter documentos para publicação** – tese de doutoramento, dissertação, relatório de projeto ou de estágio de natureza profissional no âmbito de ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre, comunicações em conferências, artigos em publicações periódicas científicas; utilizar referências e aplicar os procedimentos adequados para elaboração de citações; construir e defender argumentos, exprimir-se de forma lógica, clara e coerente; analisar os resultados obtidos à luz do conhecimento existente; distinguir entre conclusões e recomendações; elaborar propostas de trabalho futuro (op.cit.:19).

Estas competências – que se enquadram nas assim chamadas competências transversais / ou chave¹ – são essenciais à futura empregabilidade dos estudantes. A importância da aquisição de tais competências decorre do facto de o “estudante de hoje” e “futuro profissional” – ao longo dos seus percursos académico e profissional – ter de escrever e/ou de expor oralmente diversos trabalhos. Especificamente, na vida profissional haverá necessidade de apresentar o *curriculum vitae*, relatórios de atividades, relatórios técnicos, artigos científicos e/ou de divulgação, para além de ter de fazer apresentações e intervenções em *workshops*, conferências, ou simplesmente em reuniões de trabalho, perante colegas e superiores.

1. O conceito de competência transversal – para as quais não se encontra na literatura uma designação universalmente aceite – sendo referidas nomeadamente, competências essenciais, competências nucleares, competências chave - engloba o conjunto de competências que, tal como o termo indica, são transversais às diferentes profissões/atividades profissionais e que facilitam a empregabilidade de quem as possui. Ou, entendido de outra forma, são capacidades genéricas que permitem aos indivíduos ter sucesso numa ampla diversidade de tarefas e ocupações (Cabral-Cardoso, Estêvão, & Silva, 2006).

2.3 TIPOLOGIA DE TRABALHOS ACADÉMICOS

Os trabalhos académicos podem revestir várias formas, consoante a sua finalidade, objetivos específicos e a natureza do tema ou do problema abordado (Madeira & Abreu, 2004). As tipologias mais frequentes e que serão objeto de estudo neste manual são (por ordem decrescente de complexidade):

- ✓ tese de doutoramento; dissertação, relatório de projeto ou de estágio de natureza profissional no âmbito de ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre;
- ✓ monografia ou trabalho de fim de curso (ensaio);
- ✓ trabalho curricular;
- ✓ relatório técnico-científico / relatório de estágio.

Nas secções seguintes, apresenta-se o contexto em que cada um destes se desenvolve e do qual decorrem as suas principais características, que igualmente se abordam.

2.3.1 TESE DE DOUTORAMENTO OU DISSERTAÇÃO DE MESTRADO E RELATÓRIO DE PROJETO OU DE ESTÁGIO DE NATUREZA PROFISSIONAL NO ÂMBITO DE CICLO DE ESTUDOS CONDUENTE AO GRAU DE MESTRE

O Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, atualizado pelo Decreto-Lei nº 107/2008, de 25 de junho, que regulamenta as alterações introduzidas pela Lei de Bases do Sistema Educativo ao modelo de organização do ensino superior em Portugal, estabelece, no que respeita à estrutura do ciclo de estudo conducente ao:

- a) grau de Mestre - artigo 20º b) – (que) este integra a realização de “uma dissertação de natureza científica ou de um trabalho de projeto, originais e especialmente realizados para esse fim, ou um estágio de natureza profissional objeto de relatório final...”;
- b) grau de Doutor - artigo 31º a) – (que) este integra “a preparação de uma tese original e especialmente elaborada para esse fim, adequada à natureza do ramo de conhecimento ou especialidade”.

A “tese” e “dissertação” podem ser considerados como trabalhos monográficos (ver, a seguir, o que se entende por monografias), pois abordam um tema específico. No entanto, exigem, para além da síntese baseada numa pesquisa bibliográfica exaustiva – como acontece na elaboração da monografia –, a realização de atividade de investigação, utilizando instrumentos metodológicos específicos e adequados ao problema para resolução – isto é, a definição de estratégias, a escolha de métodos e de procedimentos para a recolha e a análise de dados, a experimentação/trabalho de campo (*fieldwork*), bem como a reflexão crítica na área em que se situam.

Em particular, a tese de doutoramento e a dissertação de mestrado (bem como o relatório de projeto ou de estágio de natureza profissional no âmbito de ciclo de estudos conducente ao grau de Mestre) terão que se revestir de um caráter de originalidade – menor no caso dos trabalhos a serem apresentados para obtenção do grau de Mestre –, tendo que ser realizados autonomamente pelo estudante, embora sob a orientação de um supervisor, e deverão constituir um contributo importante para o “progresso e desenvolvimento da área científica em que se inserem” (Madeira & Abreu, 2004).

2.3.2 MONOGRAFIA

A monografia, como o nome indica, aborda um único assunto ou problema. Caracteriza-se pelo facto de os seus limites se encontrarem claramente circunscritos. Baseia-se, essencialmente, em pesquisa bibliográfica e o tema é objeto de um tratamento aprofundado, pelo que pode ser considerado como uma “síntese” ou um “ensaio” (op. cit.: 33).

2.3.3 TRABALHO CURRICULAR

Em diversas unidades curriculares (UC) de qualquer programa de estudos do ensino superior, e como elemento da avaliação de conhecimentos, os estudantes terão que elaborar “trabalhos curriculares” ou “relatórios de projetos curriculares”. Os objetivos da sua concretização consistem, na maior parte das vezes, na avaliação da aquisição de competências pelos estudantes na temática dessa UC através de, designadamente (Estrela, Soares, & Leitão, 2006).

- ✓ evidência da compreensão da matéria tratada e capacidade para a aplicação de conhecimentos adquiridos;
- ✓ curiosidade intelectual para esclarecer, avaliar e ampliar os conhecimentos – introduzidos pelos docentes nas aulas de exposição da matéria – através da pesquisa metódica de informação relevante para a explicação de temas específicos no âmbito da UC;
- ✓ capacidade de apresentação com linguagem clara e precisa do tópico em estudo;
- ✓ capacidade para justificar “inferências menos presumíveis”, a partir do enunciado inicial do tema (op. cit.: 108).

2.3.4 RELATÓRIO DE ESTÁGIO / RELATÓRIO TÉCNICO-CIENTÍFICO

O “relatório de estágio” / “relatório técnico-científico” visa dar a conhecer as atividades realizadas e os resultados alcançados num dado período de estágio, projeto ou missão. A sua produção constitui uma exigência para aprovação no estágio ou sempre que se recebe um financiamento ou bolsa para realizar determinado projeto.

Este tipo de relatório deverá organizar-se contemplando os seguintes elementos (Madeira & Abreu, 2004):

- ✓ objetivos prosseguidos com a realização do projeto ou do estágio;
- ✓ descrição das atividades realizadas;
- ✓ resultados obtidos – incluindo uma discussão justificando os desvios entre estes e os que à partida eram esperados atingir;
- ✓ proposta de programação de atividades subsequentes (op. cit.: 34).

2.4 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DE TRABALHOS ACADÉMICOS

Como se salientou na secção anterior, no contexto dos trabalhos académicos emergem várias tipologias decorrentes da respetiva finalidade e, portanto, com características diversas.

Genericamente, qualquer texto de carácter académico deve obedecer a um modelo de organização lógico, claro e rigoroso, a um arranjo de ideias sequencial que facilite a sua inteligibilidade e que, em paralelo, possibilitem a sua consulta fácil. A linguagem e a terminologia a utilizar devem ser, portanto, rigorosas e objetivas (Madeira & Abreu, 2004).

Qualquer trabalho de natureza académica é constituído por um conjunto de partes que varia consoante o seu tipo (op. cit.: 43). De uma forma geral, aqueles constam de três “partes” essenciais – a pré-textual; o corpo do trabalho ou parte textual e a pós-textual (e.g. Estrela, et al., 2006; Frada, 2005).

Nesta secção, apresentam-se, de forma breve, as “partes” que constituem os trabalhos mais elaborados / desenvolvidos – isto é, teses de doutoramento, dissertações de mestrado, relatórios de projeto de investigação (no âmbito do ciclo de estudos de mestrado) e monografias.

Mesmo que o leitor esteja apenas preocupado em obter orientação com relação a trabalhos académicos menos elaborados como sejam os trabalhos curriculares, aconselha-se a leitura das restantes secções constantes deste capítulo com vista a colher ensinamentos que possam ser também úteis, com as adaptações apropriadas, para esse tipo de trabalho.

A Figura 1 esquematiza, de forma sucinta, a estrutura genérica de qualquer trabalho académico. No entanto, note-se que este modelo de organização não é rígido, devendo ser adaptado consoante a especificidade do que se tem que desenvolver e as opções do autor, sempre consultando o orientador e/ou as orientações da IES – Instituições de Ensino Superior sobre estrutura e organização de trabalhos académicos, caso aquelas existam.

Parte pré-textual ou preliminar

elementos colocados antes do corpo do texto

Capa. Folha de rosto (ou primeira página). Dedicatória (opcional). Agradecimentos (opcional). Resumo. Palavras-chave. Sumário (sobretudo em teses e dissertações). *Abstract* e *keywords*. Índice geral, índice (ou listas) de tabelas (ou quadros), figuras e gráficos, e de outras ilustrações (opcional). Advertência (opcional). Lista de siglas. Lista de abreviaturas.

Parte textual

corpo do trabalho, dividido em partes – se necessário – e em capítulos e subcapítulos i.e., em secções e subsecções

Introdução. Revisão da literatura. Metodologia/Métodos/Materiais. Análise dos resultados. Discussão. Recomendações conclusões. Propostas para trabalho futuro.

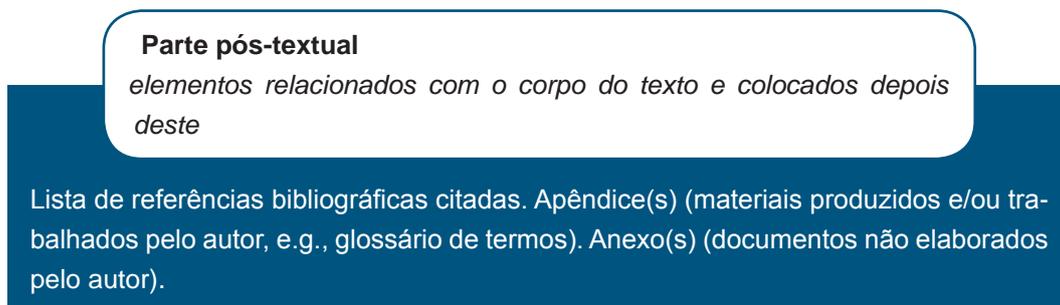


Figura 1 - Estrutura genérica de qualquer trabalho acadêmico

Fonte: Elaboração das autoras

Nos parágrafos seguintes explica-se em que consiste cada uma das partes de um trabalho acadêmico – primeiro em relação à tese de doutoramento, dissertação, relatório de projeto de investigação/estágio ou monografia e, depois, em relação aos trabalhos curriculares.

2.4.1 TESE DE DOUTORAMENTO, DISSERTAÇÃO OU RELATÓRIO DE PROJETO DE INVESTIGAÇÃO (NO ÂMBITO DO CICLO DE ESTUDOS DE MESTRADO) OU MONOGRAFIA

2.4.1.1 Parte pré-textual ou preliminar do trabalho

Os elementos que constituem a parte pré-textual são os seguintes:

- ✓ Capa;
- ✓ Folha de rosto (ou primeira página);
- ✓ Dedicatória (opcional);
- ✓ Agradecimentos (opcional);
- ✓ Resumo;
- ✓ Palavras-chave;
- ✓ *Abstract* e *Keywords* (versões em inglês do resumo e das palavras-chave, caso o manuscrito esteja em português. Resumo e palavras-chave, *i.e.*, as versões em português do *abstract* e *keywords* caso o manuscrito não esteja em português);
- ✓ Índice geral;
- ✓ Índice de tabelas (ou quadros), figuras e gráficos e de outras ilustrações (opcional);
- ✓ Advertência (opcional);
- ✓ Lista de siglas e abreviaturas (opcional).

A capa tem como função identificar o trabalho, dando a conhecer o título do mesmo (cf. Cap. 3, secção 3.2.2.2.), a instituição e o contexto em que foi produzido, bem como o nome do autor; a folha de rosto ou primeira página pormenoriza, ainda mais, a informação de identificação e deve incluir, pelo menos, os seguintes elementos:

- ✓ Nome da Instituição (i.e., afiliação científica, incluindo escola, departamento, faculdade, instituto, ...);
- ✓ Título do trabalho;
- ✓ Nome do autor/ estudante;
- ✓ Tipo do trabalho (i.e., tese, dissertação, relatório de projeto ou de estágio de natureza profissional, monografia de licenciatura, trabalho curricular da disciplina..., etc... produzido como requisito para ...);
- ✓ Professor/Orientador;
- ✓ Data (apenas o mês e ano ou só o ano).

Nos **agradecimentos** o autor exprime a sua gratidão para com aqueles – pessoas e instituições – que, de alguma forma, contribuíram para a concretização do trabalho. As pessoas a quem se faz o agradecimento ficam ao critério do candidato! No entanto, é aconselhável não esquecer todos aqueles que participaram no estudo – se foram usados questionários, deve agradecer-se a quem respondeu; se se fizeram entrevistas, deve incluir-se uma palavra de apreço aos entrevistados; se se realizaram testes, não esquecer os técnicos de laboratório. Devem, também, nomear-se as entidades mais importantes que facultaram o acesso a materiais de consulta (e.g., em bibliotecas, museus, etc...). Finalmente, refira-se que será aconselhável dirigir, também, uma palavra de apreço ao orientador (d'Oliveira, 2002).

O **resumo** – também designado por sumário analítico, *summary*, sinopse, *abstract* – constitui uma síntese do trabalho, dando uma ideia geral da investigação realizada/projeto ou estágio concretizado, salientando os seus aspetos mais inovadores. O resumo deve ser tão breve quanto possível, sem prejuízo da sua legibilidade. Geralmente, o resumo não ocupa mais que uma página (ca. de 300 palavras). O resumo deve apresentar o objetivo do trabalho e descrevê-lo nas suas fases e áreas essenciais, designadamente a metodologia adotada, os principais resultados e as conclusões mais relevantes. D'Oliveira (2002) propõe, como exemplo, a utilização do seguinte modelo:

- ✓ A primeira frase caracteriza o problema em estudo e salienta a sua importância (revisão da literatura). A segunda frase refere os “materiais”, i.e., quem foram os participantes que tomaram parte no trabalho de campo/ experimental, especificando número, idade, sexo, pertencentes à instituição X. Seguem-se os instrumentos, procedimentos e desenho de investigação utilizados (métodos/metodologias). São, depois, apontados os resultados mais significativos. Por último, deve ser abordada a discussão dos resultados, suas implicações e aplicações (op. cit.: 36).

É de evitar usar no resumo abreviaturas, nem fazer referências a tabelas, figuras ou fórmulas, nem mesmo a outros autores.

No caso das teses ou dissertações, é usual elaborar o resumo também em um ou dois idiomas estrangeiros, com vista a facilitar a divulgação do trabalho nos circuitos de comunicação científica internacional.

Muitas vezes, o resumo é elaborado apenas após a conclusão do trabalho, de forma a garantir que o mesmo é a síntese completa, permitindo ao leitor a compreensão daquele, sem ser necessário lê-lo na íntegra (Estrela, et al., 2006).

O resumo enumera apenas as partes principais do trabalho. Pode, eventualmente, prescindir-se deste quando o índice geral é incluído na parte pré-textual.

O **índice geral** / tabela de conteúdos (cf. secção 3.2.2.2.) deve ser inserido no início do trabalho e, no seu conjunto, permite a compreensão lógica do conteúdo (Eco, 2007). O índice geral deve reproduzir, com indicação das respetivas páginas, os títulos de

- ✓ Partes;
- ✓ Capítulos;
- ✓ Divisões e subdivisões dos capítulos (secções e subsecções/ parágrafos e subparágrafos);
- ✓ Anexos;
- ✓ Apêndices.

Como se refere no Capítulo 3 sobre “Proposta de Investigação”, na fase inicial de desenvolvimento do trabalho, o índice geral funciona como um guia para a organização dos conteúdos e desenvolvimento do próprio trabalho.

Existem diversos tipos de “objetos” inseridos em textos científicos, designadamente **tabelas (ou quadros), figuras, gráficos, mapas, fotografias ou outro tipo de imagens**, com o objetivo de ilustrar as ideias, reforçar os argumentos, exemplificar uma asserção ou simplesmente enriquecer o texto (Estrela, et al., 2006). Assim, é usual, e como já se referiu, incluir na parte pré-textual a relação destes “objetos”, apresentando as listas das tabelas (ou quadros), a das figuras, a dos gráficos, etc. inseridas no corpo do texto.

Convém clarificar a diferença entre os vários tipos de “objetos”. Assim, utiliza-se a designação de tabela ou quadro quando se representam de “forma estática” os dados quantitativos (d’Oliveira, 2002). Por seu turno, os gráficos ou figuras veiculam uma informação mais dinâmica, como sejam a comparação de dados quantitativos, ou a sua evolução temporal, etc... Estes devem ser fáceis de localizar quando se lê o texto, pelo que devem ser apresentados sempre com um número e uma legenda, as quais “devem elucidar/descrever adequadamente os conteúdos das ilustrações a que se referem” (Azevedo, 2011).

A ordem de aparecimento e a numeração das ilustrações devem acompanhar a estrutura do texto e o desenvolvimento das ideias. Cada tipo de ilustração deve ter uma numeração própria (Estrela, et al., 2006). As ilustrações devem aparecer imediatamente a seguir à sua menção, no máximo na página seguinte (Madeira & Abreu, 2004). As abreviaturas usadas nas ilustrações deverão estar explicadas em legenda. No caso de ilustração retirada de uma obra, a respetiva fonte deve estar indicada, mesmo que se tenham feito adaptações do original.

A **lista de siglas e a de abreviaturas** usadas e a sua descodificação – necessária para facilitar a leitura do texto – inserem-se, de preferência, antes do prefácio e a seguir ao índice. As siglas são sequências de letras utilizadas em substituição de palavras inteiras (e.g. OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte; UE – União Europeia); por seu turno, as abreviaturas são formas reduzidas de palavras. Umas e outras devem ser listadas por ordem alfabética.

2.4.1.2 Parte textual ou corpo do trabalho

A parte textual constitui o corpo ou desenvolvimento do trabalho e deverá ser estruturada de forma lógica em secções e subsecções, designadamente em

- ✓ Primeira Parte; Capítulo I; Capítulo II, etc. ...;
- ✓ Segunda Parte; Capítulo I; Capítulo II, etc. ...;
- ✓

para responder à exigência de clareza da exposição. No caso de se tratar de um trabalho que envolveu investigação/ experimentação científica/ trabalho de campo, isto é, tese, dissertação ou relatório de projecto de investigação, o corpo ou desenvolvimento da obra – estruturada como referido no parágrafo anterior – conterá os seguintes elementos:

- ✓ Introdução/ enunciado do problema;
- ✓ Revisão da literatura;
- ✓ Metodologia do estudo;
- ✓ Resultados do estudo;
- ✓ Conclusões e discussão. Recomendações e propostas de trabalho futuro.

A Tabela 1 (Glatthorn, 1998) apresenta, sucintamente, o que deverá ser o conteúdo de cada um destes elementos..

Introdução/ enunciado do problema	<ul style="list-style-type: none"> a. Enquadramento geral do estudo b. Enunciado do problema – apresentação de objetivos c. Relevância profissional d. Descrição sucinta da metodologia e. Limites do estudo f. Definição dos termos chave g. Organização da dissertação/relatório de projeto
Revisão da literatura	<ul style="list-style-type: none"> a. Visão geral de como se organiza o capítulo b. Revisão da literatura teórica e empírica da literatura (estruturada de forma lógica) c. Síntese do que a investigação anteriormente realizada refere e a forma como se relaciona com o estudo
Metodologia do estudo	<ul style="list-style-type: none"> a. Descrição da metodologia geral b. Contexto e local de investigação c. Sujeitos e participantes d. Instrumentos e materiais usados e. Análise dos dados recolhidos f. Sumário da metodologia
Resultados do estudo	<ul style="list-style-type: none"> a. Visão panorâmica (<i>overview</i>) do capítulo b. Apresentação de resultados organizados nos termos em que o enunciado do problema foi colocado no capítulo introdução / enunciado do problema c. Sumário dos resultados
Discussão, Conclusões e Recomendações	<ul style="list-style-type: none"> a. Sumário dos resultados organizados em termos de como o enunciado do problema/questões de investigação /hipóteses foi colocado b. Discussão dos resultados c. Recomendações e propostas para trabalho futuro.

Tabela 1 - Estrutura de tese, dissertação ou de relatório de projeto de mestrado

Fonte: Adaptado de (Glatthorn, 1998)

Detalham-se, em seguida, os conteúdos de cada uma das partes que constituem o corpo /parte textual de uma tese, dissertação, ou relatório de projeto científico.

a) Introdução ou enunciado do problema em estudo

A introdução / enunciado do problema, cujo texto se estende por algumas páginas, é o contexto geral do estudo; tem por finalidade não só apresentar (como visão panorâmica - *overview*) o problema / tema que se pretende estudar, no seu enquadramento geral e específico, como justificar a importância da investigação realizada e/ou a contribuição desta para a teoria da disciplina e para a prática profissional. Pode, ainda, descrever-se, de forma muito sucinta, a metodologia usada – métodos, técnicas e instrumentos. No entanto, são de evitar detalhes técnicos. Referem-se, ainda, as questões de investigação ou as hipóteses, consoante se usarem, na investigação, abordagens qualitativas ou quantitativas.

Sistematizando, a Introdução/enunciado do problema em estudo deve abordar os seguintes aspetos:

- ✓ Definir e circunscrever/ delimitar o âmbito do trabalho, i.e., o assunto ou o tema-problema a ser investigado;
- ✓ Apresentar as razões que levaram ao estudo desse problema, relevando o seu interesse;
- ✓ Descrever, de forma sucinta, o estado atual da investigação e do conhecimento sobre o problema, em função dos dados e estudos preexistentes;
- ✓ Expor o problema que subsiste e se o mesmo gera controvérsia;
- ✓ Definir os objetivos do trabalho;
- ✓ Clarificar os pressupostos das posições assumidas e sua fundamentação lógica;
- ✓ Enumerar, explicitamente, as hipóteses teóricas ou as questões empíricas a que se pretende responder (questões de investigação);
- ✓ Descrever, sucintamente, a metodologia adotada (os métodos usados durante a investigação são tratados, em detalhe, no capítulo sobre metodologia / materiais e métodos);
- ✓ Apresentar a estrutura do trabalho;
- ✓ Explicitar o conteúdo dos diversos capítulos;
- ✓ Informar sobre a limitação do estudo;
- ✓ Resumir os resultados.

Para (Eco, 2007), “o objetivo de uma boa introdução é que o leitor se contente com a mesma, compreenda tudo e já não necessite do resto para se inteirar do que constitui a tese”.

A redação do capítulo **introdução** é muitas vezes concluída após a escrita dos capítulos revisão da literatura/ enquadramento teórico e do que descreve a metodologia de investigação (Glatthorn, 1998); (Rudestam & Newton, 2001).

Nas dissertações, teses ou relatórios de projetos de investigação, a introdução pode tornar-se extensa, pelo que neste caso se deverão usar títulos e subtítulos, separando assim os diferentes pontos focados (Estrela, et al., 2006).

b) Revisão da literatura

O capítulo da revisão da literatura / enquadramento teórico² fornece o contexto do estudo e demonstra a atualidade e pertinência do mesmo; serve, também, para ilustrar a relação entre o estudo em desenvolvimento e a investigação anteriormente realizada. Deve, ainda, ser capaz de convencer o leitor da importância do estudo que se fez. De acordo com McDade (1999), a revisão da literatura pode designar várias coisas, como, por exemplo, revisão da literatura relevante ou revisão da investigação relevante (para informação mais detalhada sobre revisão da literatura, consultar capítulo 12). Apesar de as várias designações partilharem a identificação dos aspetos pertinentes relacionados com um determinado tópico, elas têm *nuances* e formatos diversos.

A revisão da literatura destina-se a reunir informação sobre o que já foi escrito em relação à investigação empírica realizada em áreas próximas ou afins daquela que está a ser investigada. Trata-se do que vulgarmente se designa por “estado da arte” (Azevedo, 2011). É uma tentativa de fornecer o contexto para um estudo particular (McDade, 1999). Não se deve confundir esta revisão da literatura (empírica) que constitui o segundo capítulo com a revisão conceptual do tema, que aparece inserida na introdução. Sublinhe-se que um mesmo trabalho de um dado autor pode ser objeto de análise, simultaneamente, quer na introdução, enquanto fonte de elementos para a fundamentação teórica, quer na revisão da literatura, enquanto fonte de dados empíricos em áreas afins do tema do relatório (Azevedo, 2011).

É no capítulo da revisão da literatura que se avalia a capacidade crítica do candidato, pelo que é importante construir argumentos próprios, sendo fundamental citar e criticar as fontes (Glatthorn, 1998; Rudestam & Newton, 2001).

No final da revisão da literatura, o candidato está em condições de introduzir a(s) questão(ões) de investigação a que se propõe dar resposta com o seu trabalho (Rudestam & Newton, 2001).

c) Metodologia do estudo. Métodos e materiais.

No capítulo sobre metodologia e métodos, encontra-se a descrição e justificação geral da metodologia de investigação utilizada.

No caso de se utilizarem metodologias de investigação quantitativas, este capítulo inclui a descrição da amostra (seleção, identificação dos indivíduos da amostra, dimensão da amostra...), bem como das medidas a efetuar e proposta para a medição das variáveis. Neste capítulo também se dá conta dos procedimentos – isto é, como se contactaram os participantes, como se obteve a sua colaboração e se administraram os instrumentos de investigação. Inclui ainda os procedimentos para assegurar a validade do estudo (assegurar que se está a medir o que realmente se pretende medir), as possibilidades de generalização (verificar se as conclusões a que se chegou são passíveis de generalização à população ou até a outros grupos) e a validade causal (interna) (assegurar que o resultado de A em B é de facto correto). Explica-se, ainda, como se procederá à análise dos dados, indicando os testes estatísticos utilizados para tratar as questões de investigação (Rudestam & Newton, 2001), no caso de se utilizarem abordagens de investigação maioritariamente quantitativas.

No caso de se utilizarem metodologias de investigação qualitativas, no capítulo sobre metodologias e métodos inclui-se, designadamente (Glatthorn, 1998):

2. Para uma informação mais completa e profunda sobre este tópico, consultar capítulo 12 sobre Revisão da literatura.

Mestrados & Doutoramentos

Anabela Mesquita Teixeira Sarmento é Professora no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (Instituto Politécnico do Porto) desde 1990. É membro do Centro Agorismi (Universidade do Minho). As suas áreas de investigação incluem a Gestão do Conhecimento e da Inovação e a Aprendizagem ao Longo da Vida no Ensino Superior, Metodologias de Investigação. Tem estado envolvida em diversos projectos europeus no âmbito do programa Sócrates e Aprendizagem ao Longo da Vida, quer como parceira, quer como coordenadora. É autora de diversos artigos publicados em revistas científicas, comunicações em conferências internacionais com arbitragem, capítulos de livros. É membro do comité científico de diversas conferências. É, igualmente, membro do conselho editorial e revisora da editora IGI Global; desempenha funções de Editora Associada no IRM Journal e Editora Chefe no IJTHI. Também já foi avaliadora e revisora em projectos da Comissão Europeia.

Ana Maria Ramalho Correia é Professora Associate da Universidade de Sheffield Reino Unido. Foi Professora Catedrática Convidada do ISEGI-UNL e investigadora coordenadora do LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia, I.P. De 1992 a 2010 foi investigadora coordenadora do INETI – Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I. P., onde exerceu, também, as funções de Directora do respectivo Centro de Informação Técnica para a Indústria. Coordenou e foi docente do Masters Programme in Information Management, da Universidade de Sheffield (UK) ministrado no INETI – e do Diploma/MSc in Electronic Information Management, criado na Universidade de Sheffield, pela Comissão Europeia. Ana Maria R. Correia é licenciada em Engenharia Química pela Universidade de Lourenço Marques, doutorada em Química Orgânica pela Universidade de Liverpool, Reino Unido. É “Agregada” em Sistemas e Tecnologias de Informação, na área de Gestão de Informação, pela UNL. É autora de mais de 90 artigos em revistas científicas, comunicações em conferências internacionais com arbitragem, capítulos de livros. Participou em diversos projectos de investigação com financiamento nacional, europeu e internacional (NATO). Foi avaliadora e revisora em diversos programas europeus. As suas principais áreas de investigação incluem, designadamente, a Gestão do Conhecimento e da Inovação, a Competitive Intelligence e a aprendizagem ao longo da vida, no contexto do ensino superior, Metodologias de Investigação. Foi o representante português no Information Management Committee (IMC) da NATO/RTA (Research and Technology Agency). É Associate Member da Pascal European Network of Learning Regions. Integra o Editorial Board e desempenha as funções de reviewer de diversos periódicos científicos internacionais. É, desde 1991, Honorary Fellow do CILIP – Chartered Institute of Library and Information Professionals, Reino Unido.

A presente publicação é o guia imprescindível no percurso, quantas vezes doloroso e acidentado, de trabalhos académicos e científicos. Introduce conselhos úteis de como preparar qualquer proposta de investigação, explica o fluxo da informação científica, desde o aparecimento da ideia de um novo projecto de investigação até à publicação dos resultados, caracteriza a tipologia das principais fontes e recursos de informação que qualquer pessoa, a desenvolver um projecto de investigação, deverá conhecer. Alerta, igualmente, para os novos formatos em que as fontes e os recursos se apresentam actualmente, bem como para as novas formas de acesso às mesmas.

Hoje, a pressão para publicar, e publicar bem, não é apenas tarefa das instituições de ensino superior e de investigação, mas também do investigador. Numa altura em que os *rankings* condicionam o financiamento das instituições de ensino superior e de laboratórios de investigação, conhecer os índices bibliométricos disponíveis e as ferramentas para os monitorizar é essencial. Este conhecimento deverá estar ao alcance dos doutorandos e dos investigadores em geral, pelo que a presente obra introduz as métricas mais usuais e a forma de as calcular.

Como é sabido, as redes sociais veiculam muita informação que é utilizada, quer pelo individuo, quer pelas empresas. Existem algumas destas redes sociais particularmente vocacionadas para transmitir informação sobre atividade de investigação, assunto também abordado na presente publicação.

Como elemento essencial para a elaboração de qualquer trabalho científico com qualidade, dedica-se um capítulo à referência e citação bibliográfica, bem como à problemática do plágio e formas de o evitar.

A publicação, no seu contexto global, oferece ao leitor formas de aceitar e aplicar o desafio da excelência na elaboração de trabalhos académicos e científicos, as quais ou se encontravam dispersas por várias obras ou, ainda, não tinham sido tratadas em alguma publicação em língua portuguesa. Contribui-se, deste modo, para o desafio da excelência na elaboração de dissertações de mestrado, teses de doutoramento ou quaisquer outros trabalhos de investigação!

www.vidaeconomica.pt

ISBN: 978-972-788-639-5



9 789727 886395 >

Visite-nos em
livraria.vidaeconomica.pt